

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA



**Estudo Dirigido do Catecismo
da Igreja Católica**

Estudo Dirigido do Catecismo da Igreja Católica

APRESENTAÇÃO GERAL

Seja muito bem vindo(a)! Estamos prestes a iniciar o estudo dos conteúdos fundamentais da fé cristã.

Este subsídio tem o objetivo de ajudá-lo(a) a conhecer mais profundamente o Catecismo da Igreja Católica. Para que o estudo pessoal e/ou em grupo do Catecismo seja frutuoso, o presente subsídio propõe um itinerário feito de etapas. Começamos pela primeira parte do Catecismo que explica e aprofunda os conteúdos da fé sintetizados na profissão da fé. Essa primeira parte será subdividida em unidades menores para possibilitar uma assimilação mais profunda, uma reflexão mais cuidadosa, um saber mais saboroso e uma recepção mais cordial daquilo que nós cremos.

Este subsídio serve como um mapa que normalmente você consulta para fazer uma viagem rumo a um novo lugar. Evidentemente, o mapa não substitui a viagem: de nada adiantaria ter um excelente mapa, cheio de informações precisas, de ilustrações e de detalhes minuciosos, se você não se decidir a empreender a viagem. Como todo mapa, o presente subsídio só ajuda se for consultado antes e durante a viagem. Como um rio caudaloso e longo, o nosso estudo tem uma infinidade de afluentes que possuem, também eles, seus afluentes. Para não se perder na viagem e chegar ao seu destino, é preciso que o mapa indique com clareza o ponto de partida, o percurso e o ponto de chegada. Certamente você sentirá, às vezes, a tentação de se internar num dos afluentes. Mas, por mais belos e sedutores que sejam, é preciso não se desviar do destino final: o mistério fascinante e tremendo de Deus Uno e Trino e o seu desígnio de salvação. Por isso, este subsídio ajudará a apresentar os conteúdos fundamentais da profissão de fé, organizará em unidades as etapas do estudo e indicará a bibliografia em que você poderá se aprofundar nos temas apresentados. A nossa viagem, porém, não é a de um “cavaleiro solitário”: ela será feita em comunhão com outros fiéis da nossa Arquidiocese que empreenderão a mesma viagem.

Viajar em boa companhia e, se possível, com a ajuda de um guia torna a viagem mais agradável e encorajadora. Assim, recomendamos que procure partilhar suas reflexões com os outros e que buque ajuda e orientação quando tiver dificuldades de compreensão. Essas ações vão ajudá-lo a reter melhor na memória os conceitos, a entender com mais clareza os conteúdos e a guardar com mais afeto e amor o adorável mistério que recebemos na fé e que celebramos na liturgia e na oração. Sobretudo não deixe de rezar e de pedir que o Espírito Santo o introduza nos mistérios da fé.

Que bom que você se decidiu a fazer esta fascinante viagem!

Bom estudo 

Estudo Dirigido do Catecismo da Igreja Católica

AS ETAPAS

Para iniciar o nosso estudo do Catecismo da Igreja Católica é imprescindível que você o tenha em mãos. Recomendamos que o adquira. Caso ache mais prático, você pode baixá-lo da internet: http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html. De qualquer forma, iremos anexar a este subsídio o trecho do texto a ser estudado.

Estudaremos a Primeira Parte do Catecismo, que corresponde à explicação da Profissão da fé. Essa I Parte compreende os parágrafos 26-1065. Para que a assimilação e a compreensão de tanto conteúdo sejam de fato aprofundadas, organizamos o nosso estudo em 54 etapas.

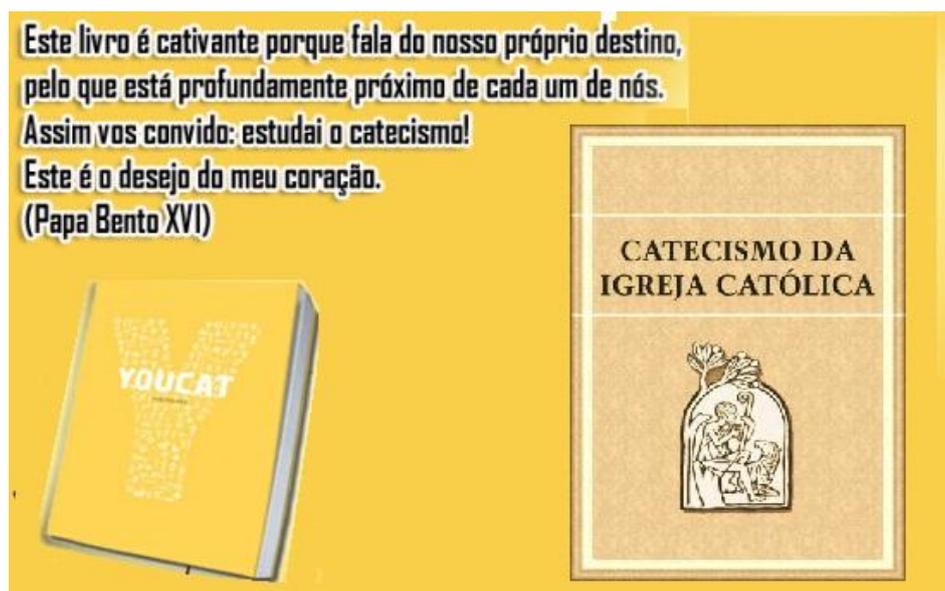
Atenção

Toda vez que for preciso chamar atenção para algo, será inserida uma caixa de texto como esta para definir um conceito ou explicar um detalhe.

Atenção: o texto do Catecismo da Igreja Católica – além da subdivisão em Partes, Seções, Capítulos e Artigos – tem todos os seus parágrafos numerados. Assim as referências ao Catecismo sempre são feitas por meio do(s) número(s) do(s) parágrafo(s). Para citar o Catecismo, por exemplo, nunca se faz referência à página, mas sempre ao número de parágrafo.

O ritmo do estudo depende de sua disposição pessoal, conhecimentos já adquiridos e tempo disponível. Recomendamos que procure estudar ao menos uma unidade por semana. Releia os parágrafos sugeridos várias vezes ao longo da semana. Faça anotações. Pesquise as palavras desconhecidas.

Consulte dicionários de teologia e a bibliografia de apoio. Não desanime se não consegue entender algo: em vez de desencorajá-lo, aquilo que você ainda não conseguiu entender deve estimulá-lo a continuar buscando.



DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES E TEMAS

Unidade	Parágrafos	Temas
1.	26-49	O homem é capaz de Deus
2.	50-73	A revelação de Deus
3.	74-83	A Tradição Apostólica e sua relação com a Sagrada Escritura
4.	84-100	Depósito da fé: interpretação, magistério, dogmas, senso da fé, progresso na compreensão da fé
5.	101-119	A Sagrada Escritura: o Verbo, inspiração e verdade, a interpretação Escritura
6.	120-141	O Cânon das Escrituras e sua importância para a vida da Igreja
7.	142-152	“Creio”: a obediência da fé; crer no Pai, no Filho e no Espírito Santo
8.	153-165	As características da fé
9.	166-184	“Nós cremos”
10.	185-197	Os símbolos da fé
11.	198-213	“Creio em Deus Pai Todo-poderoso, criador do céu e da terra”: o monoteísmo cristão, a revelação do nome de Deus
12.	214-231	“Creio em Deus Pai Todo-poderoso, criador do céu e da terra”: “Aquele que é”; o que significa crer no Deus Único
13.	232-248	“Creio em Deus Pai”: a revelação de Deus como Trindade
14.	249-267	“Creio em Deus Pai”: A Santíssima Trindade; as obras e as missões divinas
15.	268-278	“O Todo-poderoso”
16.	279-294	“O Criador”: a catequese sobre a criação; obra da Trindade; a finalidade
17.	295-324	“O Criador”: o mistério da criação; a divina providência
18.	325-336	“O céu e a terra”: os anjos
19.	337-354	“O céu e a terra”: o mundo visível
20.	355-384	“O Homem”
21.	385-395	“A queda”: a realidade do pecado; a queda dos anjos
22.	396-421	“A queda”: o pecado original; a vitória sobre o mal
23.	422-440	“Creio em Jesus Cristo”: Jesus; Cristo
24.	441-455	“Creio no Filho único de Deus”; o Senhor
25.	456-483	O Filho de Deus se fez homem
26.	484-511	“Foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nascido da Virgem Maria”
27.	512-526	Os mistérios da vida de Cristo
28.	527-542	Os mistérios da infância e da vida oculta. Os mistérios da vida pública
29.	543-570	O anúncio do Reino. A transfiguração. A subida a Jerusalém. A entrada messiânica em Jerusalém.
30.	571-594	“Padeceu sob Pôncio Pilatos”. Jesus e Israel: a lei, o templo e a fé no Deus único e salvador.
31.	595-623	“Morreu crucificado”. O processo. O desígnio de Deus. A oferta de Cristo.
32.	624-630	“Jesus Cristo foi sepultado”
33.	631-647	“Desceu aos infernos”. “Ressuscitou no terceiro dia”.

34.	648-667	A Ressurreição de Jesus. “Subiu aos Céus”. “Está sentado à direita do Pai”
35.	668-682	“Donde há de vir julgar os vivos e os mortos”
36.	683-701	“Creio no Espírito Santo”. A missão conjunto do Filho e do Espírito. O nome, as denominações e os símbolos do Espírito Santo.
37.	702-730	O Espírito Santo no tempo das promessas. O Espírito na plenitude dos tempos.
38.	731-747	O Espírito Santo nos últimos tempos.
39.	748-757	“Creio na Santa Igreja Católica”
40.	758-780	Origem, fundação e missão da Igreja. O mistério da Igreja.
41.	781-810	Povo de Deus. Corpo de Cristo. Templo do Espírito Santo.
42.	811-822	A Igreja é uma
43.	823-829	A Igreja é santa
44.	830-856	A Igreja é católica
45.	857-870	A Igreja é apostólica
46.	871-887	A constituição hierárquica da Igreja.
47.	888-913	O múnus de ensinar, de santificar e de reger. Os fiéis leigos
48.	914-945	A vida consagrada.
49.	946-962	A comunhão dos santos
50.	963-975	Maria – Mãe de Cristo e da Igreja
51.	976-987	“Creio no perdão dos pecados”
52.	988-1019	“Creio na Ressurreição da Carne”
53.	1020-1037	“Creio na vida eterna”. O juízo particular. O céu. O purgatório. O inferno.
54.	1038-1065	O juízo final. Os novos céus e a nova terra. “Amém”.

“Um catecismo deve apresentar, com fidelidade e de modo orgânico, o ensinamento da Sagrada Escritura, da Tradição viva na Igreja e do Magistério autêntico, bem como a herança espiritual dos Padres, dos Santos e das Santas da Igreja, para permitir conhecer melhor o mistério cristão e reavivar a fé do povo de Deus. Deve ter em conta as explicitações da doutrina que, no decurso dos tempos, o Espírito Santo sugeriu à Igreja. É também necessário que ajude a iluminar, com a luz da fé, as novas situações e os problemas que ainda não tinham surgido no passado.”

João Paulo II

O homem é “capaz” de Deus

26-49



INTRODUÇÃO

Você notou que o Catecismo da Igreja Católica começa falando primeiramente do homem e não de Deus? Evidentemente que isso não significa colocar em segundo plano Deus, nem considerar o ser humano como realidade absolutamente autônoma e separada de Deus. Conforme o título sugere trata-se do tema do ser humano enquanto aberto à transcendência e como ser pessoal. Ser “capaz de Deus” significa que o homem busca e deseja Deus, que pode conhecê-lo e se relacionar pessoalmente com Ele e que pode falar dEle de maneira significativa aos outros.

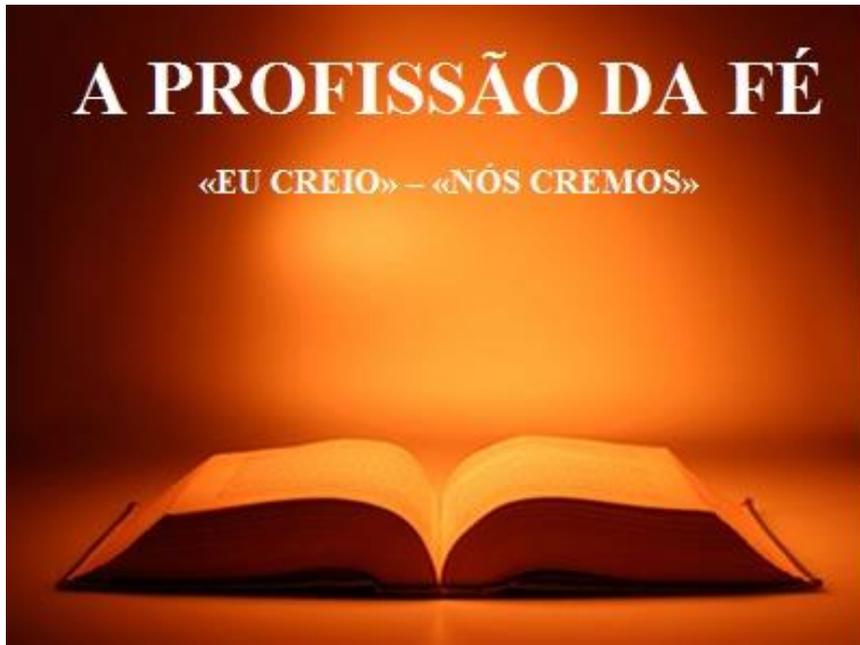
Para começar, leia os parágrafos 26-49 do Catecismo, cujo texto você pode encontrar mais abaixo. Como a melhor leitura é aquela feita com a caneta na mão, enquanto você lê, sublinhe as afirmações mais importantes, anote as palavras desconhecidas e as dúvidas encontradas. (leitura)

Depois desse trabalho de leitura inicial, releia o texto tentando responder a estas perguntas: porque o Catecismo começa falando do homem e não de Deus?; que importância tem isso para a Igreja e para os cristãos no seu empenho missionário?; quais são as consequências dessa “capacidade” para o modo de viver a religião? Mesmo que não consiga responder a essas perguntas, não desanime. Deixe que elas preparem sua inteligência e sua mente para o estudo e para um entendimento mais profundo do mistério do homem que busca Deus.

TEXTO 26-49

PRIMEIRA PARTE
A PROFISSÃO DA FÉ
PRIMEIRA SECÇÃO

«EU CREIO» – «NÓS CREMOS»



26. Quando professamos a nossa fé, começamos por dizer: «Creio», ou «Cremos». Portanto, antes de expor a fé da Igreja, tal como é confessada no Credo, celebrada na liturgia, vivida na prática dos mandamentos e na oração, perguntemos a nós mesmos o que significa «crer». A fé é a resposta do homem a Deus, que a ele Se revela e Se oferece, resposta que, ao mesmo tempo, traz uma luz superabundante ao homem que busca o sentido último da sua vida. Começemos, pois, por considerar esta busca do homem (*capítulo primeiro*); depois, a Revelação divina pela qual Deus vem ao encontro do homem (*capítulo segundo*); finalmente, a resposta da fé (*capítulo terceiro*).

CAPÍTULO PRIMEIRO

O HOMEM É «CAPAZ» DE DEUS

I. O desejo de Deus

27. O desejo de Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso:

«A razão mais sublime da dignidade humana consiste na sua vocação à comunhão com Deus. Desde o começo da sua existência, o homem é convidado a dialogar com Deus: pois se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele, e por amor, constantemente conservado: nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e não se entregar ao seu Criador» (GS 19).

28. De muitos modos, na sua história e até hoje, os homens exprimiram a sua busca de Deus em crenças e comportamentos religiosos (orações, sacrifícios, cultos, meditações,

etc.). Apesar das ambiguidades de que podem enfermar, estas formas de expressão são tão universais que bem podemos chamar ao homem *um ser religioso*:

Deus «criou de um só homem todo o género humano, para habitar sobre a superfície da terra, e fixou períodos determinados e os limites da sua habitação, para que os homens procurassem a Deus e se esforçassem realmente por O atingir e encontrar. Na verdade, Ele não está longe de cada um de nós. É n'Ele que vivemos, nos movemos e existimos» (At 17,26-28).

29. Mas esta «relação íntima e vital que une o homem a Deus» (GS 19) pode ser esquecida, desconhecida e até explicitamente rejeitada pelo homem. Tais atitudes podem ter origens diversas (GS 19-21) a revolta contra o mal existente no mundo, a ignorância ou a indiferença religiosas, as preocupações do mundo e das riquezas (cf. Mt 13,22), o mau exemplo dos crentes, as correntes de pensamento hostis à religião e, finalmente, a atitude do homem pecador que, por medo, se esconde de Deus (cf. Gn 3,8-10) e foge quando Ele o chama (cf. Jn 1,3).

30. «Exulte o coração dos que procuram o Senhor» (Sl 105,3). Se o homem pode esquecer ou rejeitar Deus, Deus é que nunca deixa de chamar todo o homem a que O procure, para que encontre a vida e a felicidade. Mas esta busca exige do homem todo o esforço da sua inteligência, a retidão da sua vontade, «um coração reto», e também o testemunho de outros que o ensinam a procurar Deus.

És grande, Senhor, e altamente louvável; grande é o teu poder e a tua sabedoria é sem medida. E o homem, pequena parcela da tua criação, pretende louvar-Te – precisamente ele que, revestido da sua condição mortal, traz em si o testemunho do seu pecado, o testemunho de que Tu resistes aos soberbos. Apesar de tudo, o homem, pequena parcela da tua criação, quer louvar-Te. Tu próprio a isso o incitas, fazendo com que ele encontre as suas delícias no teu louvor, porque nos fizeste para Ti e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Ti (Santo Agostinho, *Confissões*, I,1,1).

II. Os caminhos de acesso ao conhecimento de Deus

31. Criado à imagem de Deus, chamado a conhecer e a amar a Deus, o homem que procura Deus descobre certos «caminhos» de acesso ao conhecimento de Deus. Também se lhes chama «provas da existência de Deus» – não no sentido das provas que as ciências naturais indagam mas no de «argumentos convergentes e convincentes» que permitem chegar a verdadeiras certezas.

Estes «caminhos» para atingir Deus têm como ponto de partida criação: o mundo material e a pessoa humana.

32. O *mundo*: a partir do movimento e do devir, da contingência, da ordem e da beleza do mundo, pode chegar-se ao conhecimento de Deus: como origem e fim do universo.

São Paulo afirma a respeito dos pagãos: «O que se pode conhecer de Deus manifesto para eles, porque Deus lho manifestou. Desde a criação do mundo, a perfeições invisíveis de Deus, o seu poder eterno e a sua divindade tornam-se pelas suas obras, visíveis à inteligência» (Rm 1,19-20; cf. At 14,15.17; 17,27-28; Sb 13,1-9).

E Santo Agostinho: «Interroga a beleza da terra, interroga a beleza do mar interroga a beleza do ar que se dilata e difunde, interroga a beleza do céu [...] interroga todas estas realidades. Todas te respondem: Estás a ver como somos belas. A beleza delas é o seu testemunho de louvor [*confessio*]. Essas belezas sujeitas à mudança, quem as fez senão o Belo [*Pulcher*], que não está sujeito à mudança?» (Santo Agostinho, *Sermão* 241,2).

33. O *homem*: com a sua abertura à verdade e à beleza, com o seu sentido do bem moral, com a sua liberdade e a voz da sua consciência, com a sua ânsia de infinito e de felicidade, o homem interroga-se sobre a existência de Deus. Nestas aberturas, ele detecta sinais da sua alma espiritual. «Gérmem de eternidade que traz em si mesmo, irreduzível à simples matéria» (GS 18), a sua alma só em Deus pode ter origem.

34. O mundo e o homem atestam que não têm em si mesmos, nem o seu primeiro princípio, nem o seu fim último, mas que participam do Ser-em-si, sem princípio nem fim. Assim, por estes diversos «caminhos», o homem pode ter acesso ao conhecimento da existência duma realidade que é a causa primeira e o fim último de tudo, «e a que todos chamam Deus» (São Tomás de Aquino, *Summa theologiae* I.q.2, a.3,e).

35. As faculdades do homem tornam-no capaz de conhecer a existência de um Deus pessoal. Mas, para que o homem possa entrar na sua intimidade, Deus quis revelar-Se ao homem e dar-lhe a graça de poder receber com fé esta revelação. Todavia, as provas da existência de Deus podem dispor para a fé e ajudar a perceber que a fé não se opõe à razão humana.

III. O conhecimento de Deus segundo a Igreja

36. «A Santa Igreja, nossa Mãe, atesta e ensina que Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido, com certeza, pela luz natural da razão humana, a partir das coisas criadas» (*Dei Filius*, c.2: DS 3004). Sem esta capacidade, o homem não poderia acolher a revelação de Deus. O homem tem esta capacidade porque foi criado «à imagem de Deus» (Gn 1, 27).

37. Nas condições históricas em que se encontra, o homem experimenta, no entanto, muitas dificuldades para chegar ao conhecimento de Deus só com as luzes da razão:

«Com efeito, para falar com simplicidade, apesar de a razão humana poder verdadeiramente, pelas suas forças e luz naturais, chegar a um conhecimento verdadeiro e certo de um Deus pessoal, que protege e governa o mundo pela sua providência, bem como de uma lei natural inscrita pelo Criador nas nossas almas, há, contudo, bastantes obstáculos que impedem esta mesma razão de usar eficazmente e com fruto o seu poder natural, porque as verdades que dizem respeito a Deus e aos homens ultrapassam absolutamente a ordem das coisas sensíveis; e quando devem traduzir-se em atos e informar a vida, exigem que nos dêmos e renunciemos a nós próprios. O espírito humano, para adquirir semelhantes verdades, sofre dificuldade da parte dos sentidos e da imaginação, bem como dos maus desejos nascidos do pecado original. Daí deriva que, em tais matérias, os homens se persuadem facilmente da falsidade ou, pelo menos, da incerteza das coisas que não desejariam fossem verdadeiras» (Pio XII, *Humani Generis*: DS 3875).

38. É por isso que o homem tem necessidade de ser esclarecido pela Revelação de Deus, não somente no que diz respeito ao que excede o seu entendimento, mas também sobre «as verdades religiosas e morais que, de si, não são inacessíveis à razão, para que possam ser, no estado atual do gênero humano, conhecidas por todos sem dificuldade, com uma certeza firme e sem mistura de erro» (Pio XII, *Humani Generis*: DS 3875).

IV. Como falar de Deus?

39. Ao defender a capacidade da razão humana para conhecer Deus, a Igreja exprime a sua confiança na possibilidade de falar de Deus a todos os homens e com todos os homens. Esta convicção está na base do seu diálogo com as outras religiões, com a filosofia e as ciências, e também com os descrentes e os ateus.

40. Mas dado que o nosso conhecimento de Deus é limitado, a nossa linguagem, ao falar de Deus, também o é. Não podemos falar de Deus senão a partir das criaturas e segundo o nosso modo humano limitado de conhecer e de pensar.

41. Todas as criaturas são portadoras duma certa semelhança de Deus, muito especialmente o homem, criado à imagem e semelhança de Deus. As múltiplas perfeições das criaturas (a sua verdade, a sua bondade, a sua beleza) refletem, pois, a perfeição infinita de Deus. Daí que possamos falar de Deus a partir das perfeições das suas criaturas: «porque a grandeza e a beleza das criaturas conduzem, por analogia, à contemplação do seu Autor» (Sb 13,5).

42. Deus transcende toda a criatura. Devemos, portanto, purificar incessantemente a nossa linguagem no que ela tem de limitado, de ilusório, de imperfeito, para não confundir o Deus «inefável, incompreensível, invisível, impalpável» (*Liturgia Bizantina. Anáfora de São João Crisóstomo*: PG 63,915) com as nossas representações humanas. As nossas palavras humanas ficam sempre aquém do mistério de Deus.

43. Ao falar assim de Deus, a nossa linguagem exprime-se, evidentemente, de modo humano. Mas atinge realmente o próprio Deus, sem todavia poder exprimi-Lo na sua infinita simplicidade. Devemos lembrar-nos de que, «entre o Criador e a criatura, não é possível notar uma semelhança sem que a dissemelhança seja ainda maior» (IV Concílio de Latrão, *Cap. 2; De errore abbatís Ioachim*: DS 806.), e de que «não nos é possível apreender de Deus o que Ele é, senão apenas o que Ele não é, e como se situam os outros seres em relação a Ele» (São Tomás de Aquino, *Summa contra gentiles* I 30).

Resumindo:

44. *O homem é, por natureza e vocação, um ser religioso. Vindo de Deus e caminhando para Deus, o homem não vive uma vida plenamente humana senão na medida em que livremente viver a sua relação com Deus.*

45. *O homem foi feito para viver em comunhão com Deus, em quem encontra a sua felicidade: «Quando eu estiver todo em Ti, não mais haverá tristeza nem angústia; inteiramente repleta de Ti, a minha vida será vida plena» (Santo Agostinho, *Confissões*, X,28,39: CCL 27,175).*

46. *Quando escuta a mensagem das criaturas e a voz da sua consciência, o homem pode alcançar a certeza da existência de Deus, causa e fim de tudo.*

47. *A Igreja ensina que o Deus único e verdadeiro, nosso Criador e Senhor; pode ser conhecido com certeza pelas suas obras, graças à luz natural da razão humana (Dei Filius, De revelatione, canon 2: DS 3026).*

48. *Nós podemos realmente falar de Deus partindo das múltiplas perfeições das criaturas, semelhanças de Deus infinitamente perfeito, ainda que a nossa linguagem limitada não consiga esgotar o mistério.*

49. *«A criatura sem o Criador esvai-se» (GS 36). Por isso, os crentes sentem-se pressionados pelo amor de Cristo a levar a luz do Deus vivo aos que O ignoram ou rejeitam.*

REVISANDO TEMAS

1. O desejo de Deus

Se estudarmos a história da humanidade, se prestarmos atenção a nós mesmos e a nossos semelhantes constatamos que o ser humano sempre buscou Deus. E o nosso desejo de Deus é de tal ordem que não se contenta apenas em se relacionar com uma “força espiritual”, um “ser incorpóreo” qualquer, uma entidade indefinida. Nosso desejo de Deus almeja uma “união íntima e vital com Deus” (29).

Em outras palavras: o ser humano é constitutivamente voltado para uma relação pessoal com Deus. Relação pessoal com Deus rejeita a relação mágica e supersticiosa. Não combina com transe e com feitiços. Relação pessoal com Deus implica o encontro de liberdades, interioridades, diálogo e comunhão de vida. Tudo o que atenta contra a pessoa destrói também a relação pessoal. Por exemplo: tentar manipular Deus com fórmulas, sortilégios ou ações que pretendam obrigar Deus a fazer algo impossibilita a relação pessoal. Se Deus se comunicasse tirando a consciência e a liberdade humanas através do transe, a relação pessoal seria negada pelo próprio Deus, uma vez que Ele usaria o homem como mero instrumento de comunicação.

As afirmações de que “o homem é criado por Deus e para Deus” e de que “Deus não cessa de atrair o homem a si” (27) não são mera teoria, mas explicitam uma experiência genuinamente humana de um desejo que está inscrito no mais profundo de seu ser. Trata-se de uma experiência coletiva da humanidade que se manifesta concretamente nas diversas religiões.

2. Os limites do pecador

Mesmo que o homem seja “capaz de Deus”, de fato, o homem pode esquecer, ignorar ou rejeitar “essa união íntima e vital com Deus”. Nisso consiste o fenômeno do ateísmo, do indiferentismo, do agnosticismo e ceticismo religioso.

3. O diálogo com os outros

O esquecimento ou a rejeição de Deus não impossibilitam o diálogo dos cristãos com todos: crentes ou não. Para que o diálogo seja possível é preciso que haja entre os interlocutores uma base comum a partir da qual os argumentos sejam compreensíveis e significativos. Essa base comum é exatamente essa capacidade de acolher Deus que permite que o cristão, a partir da e à luz da fé, possa dizer algo de sensato a uma pessoa que não crê em Deus, algo de verdadeiro que pode ser encontrado na própria experiência humana. O cristão não dialoga somente com os próprios cristãos, mas pode se dirigir de maneira significativa também aos que não partilham a sua fé, porque também este é capaz de Deus.

Essa é a base também do empenho missionário da Igreja: se ela não pudesse falar de maneira significativa e sensata da sua própria fé, a missão tampouco seria possível. Dito em modo positivo: a Igreja é missionária porque constata que o ser humano é constitutivamente capaz do infinito e buscar incessantemente Deus.

Atenção aos termos! “Homem capaz do infinito” (=Homo capax infiniti)

O ser humano, no dia-a-dia da vida, quando vivencia a responsabilidade, a liberdade, a verdade, o amor, a fidelidade, a alegria, a morte, faz a experiência de algo que é, ao mesmo tempo, limitado e absoluto, concreto e infinito, compreensível e incompreensível. Ele não é o infinito, o ilimitado, o incompreensível, mas como que toca em sua misteriosidade nesta experiência. Não é o infinito, mas é capaz de tocá-lo,

de vivenciá-lo, de experimentá-lo. O ser humano tem uma abertura estrutural para o infinito. Não a cria, mas a recebe e, de alguma forma, a percebe em si. Não cria o infinito, mas pode recebê-lo, acolhê-lo, sem deixar de ser finito e sem dissolver em si o infinito, que lhe vem encontro, que se dá a ele. O homem é mais que a soma de elementos e processos químicos; a vida humana toca as fronteiras de um mistério incompreensível, e como que flui incessantemente para o interior desse mistério.

Se o homem não fosse “capaz de Deus”, ele não poderia sequer acolher livre e responsabilmente a revelação divina. Se o homem não tivesse a capacidade de acolher Deus, revelação divina alguma seria compreensível e significativa para ele. Podemos comparar essa situação à do cego debaixo do sol; por mais que brilhe o sol, o cego não vê a luz, não porque ela não exista, mas porque falta ao cego a capacidade de vê-la.

O ser humano não é um objeto ou uma coisa a mais entre as coisas do mundo. Ele é um sujeito singular, original e não repetível. Em uma palavra ele é pessoa. Como pessoa ele é radicalmente distinto dos outros seres não pessoais que o circundam. Esse caráter pessoal confere a ele uma dignidade que vale por si mesma: a dignidade humana consiste no fato de ser homem e não na sua utilidade para outros fins.

Relação pessoal

Leia o texto abaixo e se pergunte: é possível dirigir tais palavras a uma entidade indefinida, a uma força impessoal, a uma mera força superior? Ou tal oração só pode ser dirigida a um Tu pessoal?

Vamos, coragem, pobre homem! Foge um pouco de tuas ocupações [...]. Põe de parte os cuidados que te absorvem [...]. Dá um pouco de tempo a Deus e repousa nele [...].

Olhai-me, Senhor, ouvi-nos, mostrai-vos a nós. Dai-nos novamente a vossa presença para sermos felizes, pois sem vós somos tão infelizes! Tende piedade dos rudes esforços que fazemos para alcançar-vos, nós que nada podemos sem vós.

Ensinai-me a vos procurar, e mostrai-vos quando vos procuro; pois não posso procurar-vos se não me ensinaiis nem vos encontrar se não vos mostrais. Que desejando eu vos procure, procurando vos deseje, amando vos encontre, e encontrando vos ame (ANSELMO, Prológion, I,97-100).

